

EDUCAÇÃO X VIOLÊNCIA INFANTIL: PERCEPÇÃO DE ALGUNS USUÁRIOS DOS SERVIÇOS DO HOSPITAL DE BASE DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Tânia S Molina¹; Jéssika N G Silva¹; Olívia S Cretelli¹; Milena K Farche¹; Marianne P S Krammer¹; Roliana B Leles¹; Aline M Z A Raimundo¹; Lazslo A Ávila²

1- Acadêmica do 2º. ano de Medicina – FAMERP; 2- Professor Adjunto do Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da FAMERP.

Introdução: No Brasil crianças e adolescentes são protegidos por lei contra qualquer violência física, psicológica ou sexual, conforme assegura o Estatuto da Criança e do Adolescente. A violência doméstica só pode ser entendida levando-se em conta o contexto socioeconômico e cultural, em que os adultos tendem a repetir as condições de exploração e abandono de que são vítimas na infância, contribuindo para a perpetuação da violência. A agressão pode começar no ambiente familiar, visto que tapas, castigos, gritos e ameaças ainda são praticados e não são considerados como agressões condenáveis. Psicólogos criticam essa posição e afirmam que uma repressão violenta é degradante e gera problemas que acompanham o indivíduo até a fase adulta, determinando dificuldade de socialização, auto-estima reduzida, conflitos emocionais, agressividade e traumas desenvolvidos a partir da infância. **Objetivos:** Investigar a percepção de alguns dos usuários dos serviços do Hospital de Base de São José do Rio Preto acerca da questão da violência e descrever os métodos e condutas considerados válidos em relação à educação infantil. Aproveitando o ensejo da criação do projeto de lei que proíbe o tapa como uma maneira válida para educar, apontar o percentual dos entrevistados que acreditam no caráter disciplinador desse método. **Casuística e Métodos:** Foram realizadas 105 entrevistas com usuários dos serviços do Hospital de Base de São José do Rio Preto durante o mês de junho de 2010. Foi utilizado um questionário dirigido, elaborado sob supervisão de um psicólogo, contendo dados demográficos (gênero, idade e escolaridade) e perguntas específicas sobre educação e violência infantil. **Resultados:** Em relação ao gênero, 39 entrevistados (37,14%) eram homens e 66 (62,86%) eram mulheres. A média de idade dos participantes foi de 41,4 anos. O nível de escolaridade de maior prevalência foi o Ensino Fundamental Incompleto (32,4%), seguido por Médio Completo (28,6%) e Superior Completo (16,2%). Quanto aos dados específicos, 84,7% negou ter sofrido algum tipo de violência física, porém 72% dos entrevistados afirmaram ter apanhado dos pais na infância. Em relação ao tapa, 48,6% o consideraram como forma de disciplina e 51,4% não. Sobre os métodos válidos para educar, houve prevalência da opção Castigo não físico (75%), seguido por Conversa/Diálogo (43,8%), Tapa (29,5%), Presente / Recompensa (17,1%), Chinelada / Cintada (16,2%), Retirar privilégios (8,5%), Ameaça / chantagem (5,7%) e Educação Religiosa (0,9%). **Conclusões:** A contradição observada entre as pessoas que disseram já ter apanhado dos pais na infância, mas negaram ter sofrido violência física, pode sugerir evidência de que haja uma abstração inadequada em relação ao conceito de violência. Apesar de as formas não violentas estarem sendo difundidas, ainda há aceitação do princípio de que a punição física é disciplinadora. A alta prevalência de condutas e métodos de

repreensão física considerados válidos comprova que há necessidade de conscientização da população para adequação destes métodos educativos.

